

(INEVITÁVEL) ESCASSEZ?

Luiz Alex Silva Saraiva¹

Vivemos em uma ditadura da escassez. De tudo. Esta economicização da vida sugere que todos temos de aderir a um ritmo frenético que maximize o desempenho a fim de conseguirmos o máximo possível com o menor emprego de insumos. Esta perspectiva, classicamente posta, tecnicamente sustentada e, o principal, ideologicamente elaborada, tem orientado inúmeras áreas de conhecimento, em particular a Administração, e oferecido uma espécie de justificativa plausível para que uma vida sem sentido seja naturalizada entre nós desde a mais tenra idade. O resultado é que se instala uma economia de tudo – de tempo, de recursos, de afetos – e isso estranhamente passa a reger nossa existência de uma forma artificial e, de tanto que passa a ser repetida, termina por estruturar nossas relações sociais.

Reconhecemos que é difícil abraçar cegamente o argumento da abundância em meio a tanta miséria e tanta desigualdade social em todo o mundo. A *Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO)* apontava que 723 milhões de pessoas passavam fome em 2022. Os dados indicavam ainda que “29,6% da população global, equivalente a 2,4 bilhões de pessoas, não tinha acesso constante a alimentos, medido pela prevalência de insegurança alimentar

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.



moderada ou grave. Entre eles, cerca de 900 milhões de indivíduos enfrentavam insegurança alimentar grave²³. Paradoxalmente, outro documento, o *Food Waste Index Report 2024*, produzido pela *UN Environment Program*, aponta que “em 2022, o mundo desperdiçou cerca de 1,05 bilhão de toneladas de alimentos nos setores de varejo, serviços de alimentação e doméstico juntos”⁴. Esses dados demonstram, só para ficar em um elemento particularmente agudo, que a questão não é simples: de um lado há desperdício e, de outro, fome.

Em meados dos anos 1990, Cattani (1995, p. 39) já argumentava que “para se reproduzir, o capitalismo necessita da desigualdade, da marginalização e da exclusão”. Não se trata, assim, de casualidade que haja tanto de um lado, a ponto de desperdiçar, e tão pouco de outro, do lado dos que nada têm sequer para comer. O ciclo é autoalimentado continuamente, e embora “as riquezas são globais, a miséria é local (...) não há ligação causal entre elas, pelo menos não no espetáculo dos alimentados e dos que alimentam” (Bauman, 1999, p. 82).

Interessa ao discurso hegemônico da hipercompetição que tanto os bilionários, em número crescente (2.781 em 2024, com fortuna estimada de 71,7 trilhões de reais)⁵, quanto os miseráveis sejam apresentados como produtos do próprio esforço: já que não haveria recursos para todos, os mais esforçados, competentes e hábeis são os que se sobressaem. O argumento perverso embutido nessa ideia é que só é pobre (e, portanto, só passa fome) quem não se esforçou o suficiente, devendo o Estado ser responsável apenas por garantir condições de manutenção da competição econômica, intervindo pouco em uma dinâmica que é movida sobretudo por mérito individual. Todavia, há um enorme silêncio quanto ao óbvio, de que a riqueza é herdada (Guimarães, 2024), e por ela vale a pena incensar o

² Recuperado em 10 setembro, 2024, de <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1644602/>.

³ Tradução livre.

⁴ Tradução livre.

⁵ Recuperado em 10, setembro, 2024, de: <https://forbes.com.br/forbes-money/2024/04/bilionarios-2024-numero-recorde-no-mundo-e-fortuna-de-r-717-trilhoes>.

discurso da escassez como meio de manter acesa a chama da esperança entre desvalidos de diversas naturezas.

A escassez só se sustenta como discurso porque trata da competição do mercado e da desigualdade da sociedade como se não fossem duas faces da mesma moeda. Como se esta não fosse uma lógica atravessada e alimentada pelo egoísmo e pela mesquinhez, e pela ideia de que é “natural” que poucos tenham muito e que muitos nada tenham. Equilíbrio de mercado rima com um jogo em que continuamente precisa haver uma demanda e uma oferta se definindo uma à outra sempre assentadas na ideia de que não há recursos suficientes.

A noção de suficiência e, mais do que ela, a de abundância, desestrutura esta forma de pensar porque estaria sobre a mesa não mais uma luta de todos contra todos por migalhas escassas, mas justamente o contrário. Se não precisarmos disputar palmo a palmo os recursos por recursos aos quais todos temos acesso, o que restará da violência (Freitas, 2007) e da guerra (Alliez & Lazzarato, 2019) continuamente invocados como elementos estruturantes das organizações? Há outras análises organizacionais possíveis? Conseguiríamos nos organizar em outra lógica que não a de escassez?

NESTE NÚMERO

O número 31 da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, traz muitas contribuições oriundas do fluxo regular de submissões e de submissões ao dossiê temático “Estudos econômicos das organizações”, do qual falaremos mais adiante. Na **Capa** contamos com a extraordinária fotografia *Nighthawks Revisited*, de *Mario Aquino Alves*, que remete, com rara sensibilidade e beleza, a uma famosíssima tela de Edward Hopper.

Na seção **Ensaio**, contamos com a contribuição *Espremendo até o bagaço: pessoas em situação de rua, capitalismo e pandemia*, de *Carla Sandra Aguiar*

Siqueira dos Santos e Fernanda Mitsue Soares Onuma. A partir de Nancy Fraser, as autoras denunciam a paliatividade de muitas das políticas públicas frente às pessoas em situação de rua no contexto da pandemia, marcando que sua condição de despossuídos é parte de um processo de super exploração capitalista.

Maria Ester de Freitas nos traz o texto *Do que se alimentam as bolhas digitais?* na seção **Provocações**. Lastreado em referenciais da Psicossociologia, a autora nos provoca a respeito da dinâmica do que denomina um “grupo hipermoderno”, no qual o sujeito está simultaneamente sozinho e rodeado de “outros” digitais com os quais compartilha de diversas características, com uma série de desdobramentos ainda pouco discutidos.

Contamos com duas contribuições na seção **Resenhas**. Na primeira delas, *Repensando valor, trabalho, luta de classes e o marxismo eclético*, *Leandro Theodoro Guedes* analisa a obra “Marx in Management and Organisational Studies”, de Frederick Harry Pitts. A obra se volta a recolocar o marxismo em evidência nos *Critical Management Studies*, em particular recuperando a categoria do valor, capturada de maneira insuficiente pelos pesquisadores deste campo.

Seguindo o Comissário Montalbano – Uma Homenagem a Andrea Camilleri, de Maria Ester de Freitas, é dissecada por *Rafael Alcadipani* na segunda resenha, de *Autópsia da coleção dos livros do Comissário Montalbano*. Desenvolvendo um criativo paralelo entre a criminalidade em geral e os homicídios, em particular, pontos de partida de muitos romances policiais, o autor nos entrega um convite a pensar organizacionalmente para além do formato tradicional de *papers* a que estamos acostumados.

A seção **Vídeos** traz a contribuição *Solidária e popular: a organização institucional da Reserva Extrativista de Canavieiras, BA*, de *Juarez Pereira Furtado, Max Felipe Vianna Gasparini e Wagner Yoshizaki Oda*. Os autores exploram possibilidades de organização popular em torno da luta cotidiana pela garantia e consolidação de

uma Reserva Extrativista (Resex) no Sul da Bahia por meio de imagens do território e depoimento de pescadores que exercem liderança na luta e inserção na gestão da Resex.

Neste número contamos com o **Dossiê "Estudos Econômicos das Organizações"**, que contou com o trabalho de dois competentes editores especiais: *Elcemir Paço Cunha*, da Universidade Federal de Juiz de Fora e *Rômulo Carvalho Cristaldo*, da Universidade Federal da Grande Dourados. Agradecemos aos dois pelos quase 20 meses de trabalho editorial, que resultaram em uma seção muito interessante composta por oito textos, como pode ser visto a partir deste breve editorial.

No texto de abertura, *Dossiê estudos econômicos das organizações, uma apresentação*, *Rômulo Carvalho Cristaldo* e *Elcemir Paço Cunha* introduzem o tema, explorando mais criticamente as dinâmicas econômicas que subjazem às organizações. Abraçando referências clássicas e contemporâneas da economia política das organizações, os editores especiais destacam que tais questões atraem cada vez mais a atenção de especialistas por sua importância, centralidade ou complexidade.

Em *Argumentos da administração política para uma nova teoria do emprego, do desenvolvimento e do bem-estar*, *Thiago Santos* e *Reginaldo Santos (In Memoriam)*, apresentam uma teoria do emprego e do desenvolvimento fundamentada na Administração Política, questionando que a trajetória de expansão e acumulação do capitalismo independe do que lhe é externo. Sustentando bem-estar como novo ponto de partida, os autores defendem uma política administrada do aumento do emprego e da renda por meio da expansão dos bens e serviços de consumo coletivo e da diminuição da jornada de trabalho.

Claudio Gurgel e *Agatha Justen* procuram caracterizar o ambiente econômico em que operam as empresas no Brasil, naquilo que denominam 'terceira geração do neoliberalismo', quando o projeto hegemônico retoma seus postulados iniciais e

radicaliza a exploração do trabalho. *A terceira geração do neoliberalismo e a exploração da força de trabalho no Brasil* é referenciada no livro III de *O Capital*, tendo os autores concluído que a queda da taxa de lucro e o ambiente de negócios decorrente expuseram a dificuldade de manutenção da política de conciliação dos interesses de classe, o que levou ao aprofundamento da exploração do trabalho para a retomada das taxas positivas.

Apresentando a uberização do trabalho como fenômeno econômico organizacional a partir da Teoria do Processo de Trabalho, *Martín Andrés Moreira Zamora* e *Fabio Bittencourt Meira* procuraram, em *Trabalho uberizado entre controle e resistência: uma análise a partir da teoria do processo de trabalho*, expor as formas de controle e o processo de valorização do valor, evidenciando a maneira com que o trabalho controlado por plataformas promove a extração de mais valor com base em um novo arranjo material de produção.

Novas formalidades do assalariamento no trabalho por conta própria e na pejetização da força de trabalho, contribuição de *Eziel Gualberto de Oliveira* e *José Henrique de Faria*, propõe uma abordagem para apreender o movimento de ampliação de trabalhadores por conta própria, cujas formas subcontratadas de assalariamento têm sido regulamentadas pelo processo de pejetização. A proposta teórica tem sua fundamentação empírica nas categorias históricas da economia política sobre as relações sociais de produção que constituem a organização da economia capitalista, e tem como principal contribuição a superação de concepções formalistas que se limitam às definições jurídicas ou tributárias das relações salariais.

Rossi Henrique Soares Chaves e *Deise Luiza da Silva Ferraz* objetivam, em *Trajatória do capital no setor de seguros brasileiro nos Séculos XIX e XX: um dos eixos da acumulação capitalista*, apreender as formas pelas quais as instituições securitárias se desenvolvem em território brasileiro. A pesquisa revelou que o setor de seguros, em seu estado capitalista nascente, atuou como eixo entre

modos de produção alavancando a acumulação e centralização de capitais enquanto parte constitutiva das bases de instauração mundial da fase imperialista do capital, o que foi determinante para o lugar dependente e subordinado do capitalismo brasileiro pelo menos desde o início do Século XIX.

Em *Tensions and dialectics in the capitalist embeddedness of an industry network: a visual network analysis of cooperation in the Dutch paper industry*, Martha Emilie Ehrich aponta as tensões e a dialética subjacentes na inserção capitalista das redes industriais a partir da rede do setor de papel holandês. A análise visual da rede ilustra como a cooperação mudou sob a crescente suspeita e a acusação real de práticas de conluio. Embora, por um lado, os esforços para fortalecer a cooperação interorganizacional a fim de aliviar o setor de pressões competitivas às vezes sejam ameaçados pelo crescente domínio das corporações transnacionais na rede, o estudo também mostra como as pequenas e médias empresas e as empresas familiares ocupam posições estruturais vantajosas de ponte entre os grupos densamente conectados da rede.

Encerrando o dossiê, Paulo Simões analisa a sustentabilidade a partir de um enfoque discursivo no qual o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores. No texto *Uma análise pêncheutiana do funcionamento discursivo da sustentabilidade na mineradora multinacional Vale S/A*, a partir de um aporte teórico e metodológico definidos à luz do materialismo histórico-dialético, o autor sustenta que o discurso observado visa a silenciar a memória estatal e produzir um retrato higienizado da empresa neoliberal, o que é sustentado por uma determinação ideológica gerencialista. As principais conclusões sugerem que o discurso funciona para higienizar a imagem da empresa, apagar sua memória estatal e camuflar seu objetivo principal de transformar a natureza em dinheiro.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- Alliez, Éric & Lazzarato, Maurizio (2019). *Guerras e capital*. São Paulo: Ubu.
- Bauman, Zigmunt (1999). *Globalização: consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Belluzzo, Luiz G. & Galípolo, Gabriel (2019). *A escassez na abundância capitalista*. São Paulo: Contracorrente.
- Cattani, Antonio D. (1995). *Processo de trabalho e novas tecnologias*. Porto Alegre: UFRGS.
- Freitas, Maria E. (2007). A metáfora da guerra e a violência no ambiente de trabalho (pp. 277-291). In Alexandre P. Carrieri & Luiz Alex S. Saraiva (Orgs.). *Simbolismo organizacional no Brasil*. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, Ligia (2024). *Profissão, herdeiro: O que é a grande transferência de riqueza, fenômeno que 'fabrica' jovens bilionários pelo mundo*. Recuperado em 10 setembro, 2024 de: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cm5r5z8y138o#:~:text=Muitos%20deles%20sequer%20come%C3%A7aram%20a,ranking%20da%20Forbes%20s%C3%A3o%20herdeiros>.
- United Nations Environment Programme (2024). *Food Waste Index Report 2024. Think Eat Save: Tracking Progress to Halve Global Food Waste*. Nairobi: FAO.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2024). (Inevitável) escassez? *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(31), 390-398.